



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



REZA DE MULHER: LUZ E ESCURIDÃO EM NOVAS NUANCES CULTURAIS E ANTROPOFAGIA COMUNITÁRIA

Camila Silva de Oliveira¹

Email: mi_balrcs@hotmail.com

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa que integra a proposta do projeto Ateliê de Mapas da Diversidade, em um local de ‘reza’ do distrito de Tabuleiro dos Coelhos, em Amargosa, Bahia. No qual buscamos cartografar os processos múltiplos de resistência e negociação que se constroem frente à hegemonia cultural e heteronormatividade nas práticas culturais e comunitárias, bem como, as nuances da constituição plástica do gênero. A reza é uma prática coletiva de desenvolvimento de laços, a partir das experiências político culturais da comunidade. A ‘rezadeira’ é mulher, tem sua plástica produzida por nuances variadas de hibridação e pela liderança de um processo de antropofagia comunitária. Constituindo um repertório de corpo feminino que subverte a lógica de nossa sociedade falocêntrica e desafia a heteronormatividade, por meio da construção de laços de solidariedade comunitária. A partir do conceito de G. Deleuze, a cartografia procurou mapear na reza as suas relações intensas, seguindo-as por meio do registro oral e imagético, compondo um mapa de diversidade que visualize os territórios que se formam e se desfazem. Além de dialogar com conceitos de autores como; Homi Bhabha, Gloria Anzaldúa, Stuart Hall, Judith Butler e Suely Rolnik. Dessa forma, percebemos que a rezadeira enquanto uma disjunção de fluxos aponta para um novo repertório de gênero que questiona a própria política de representação de gênero, e que a cultura se conforma como campo de resistência, mas também de captura, se configurando em um “jeito” novo de se fazer política de cultura.

Palavras Chave: repertório de gênero, antropofagia comunitária e hibridismo

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia e bolsista voluntária do Pibic/CNPq, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Introdução

A pesquisa desenvolvida em um local de ‘reza’ do distrito de Tabuleiro dos Coelhos, em Amargoso-BA integra a proposta do projeto Ateliê de Mapas da Diversidade.

A reza é uma prática coletiva de desenvolvimento de laços, a partir das experiências político - culturais da comunidade. A ‘rezadeira’ é a mulher, cuja plástica é produzida por nuances variadas de hibridação e pela liderança de um processo de antropofagia comunitária.

Acompanhamos os detalhes que dão contorno às bricolagens que formam um mosaico-móvel: um sofá e cadeiras brancos, um altar envolvido com uma pirâmide de santos católicos, flores, fotos de pessoas falecidas, incensos e intercessões. Há um quarto ornamentado para Iemanjá e um terceiro para a cabocla Jurema. O festejar do santo católico, seguido da incorporação das entidades - seres espirituais da umbanda - na própria festa hibridizam-se com rezas do catolicismo popular, articuladas a ladainhas em latim e músicas do candomblé, em um movimento de composição e decomposição dos territórios.

Os laços de solidariedade comunitária são estendidos, criados e inventados, gerando significados sempre abertos às histórias e memórias, sempre abertas à chegada de fluxos ‘mestiços’. E são mestiços porque são impuros, gerados pelos cruzamentos, atravessados por diferentes etnias, gêneros, raças, níveis sociais, orientações sexuais, culturas.

Dessa forma, fomos até esse espaço da reza buscar as multiplicidades dessa construção cultural. Buscamos mapear as cartografias dos processos múltiplos de resistência e negociação que se constroem frente à hegemonia cultural e heteronormatividade nas práticas culturais comunitárias do Tabuleiro dos Coelhos, e as nuances da constituição plástica do gênero, mostrando a política de constituição do corpo. Através dos sons, imagens e oralidades das rezas, a composição e decomposição dos territórios de existência, de modo que seja possível sistematizar por quais meios, táticas e estratégias vão sendo geradas novas paisagens comunitárias.

Para isso, trabalhamos por meio das cartografias, que se configura em um novo modo de pesquisa nas ciências humanas, com características próximas com a pesquisa etnográfica



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



lançando mão da observação-participativa, vindo a confrontar a lógica cartesiana na qual o pesquisador está dissociado do objeto de estudo. Para os geógrafos, a cartografia é um desenho que acompanha e se faz, ao mesmo tempo, em que os movimentos de transformação da paisagem. Para tanto, Sueli Rolnik vem nos dizer que as “paisagens psicossociais também são cartografáveis”(2006), sendo que nesse caso, a cartografia busca investigar os processos de produção de vida/subjetivação pelo acompanhamento das intensidades/fluxos. Tendo como conceito fundamental as estratégias de formação/produção do desejo no campo social, o cartógrafo utiliza-se das mais variadas fontes, sempre procurando elementos/alimentos para compor suas cartografias se desprovendo de uma certa produção e modo de saber. Ao se referir à prática do cartógrafo Sueli Rolnik descreve que;

Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas(...)*. O que quer é aprender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido. (ROLNIK, 2006.p.52)

Destarte o cartógrafo/pesquisador tem como objetivo desenhar as redes de forças á qual o objeto ou fenômeno se encontra conectado, redes de subjetividades, redes de produção de territórios, de desterritorialização e reterritorialização. Contem como cláusula principal em seu contrato o compromisso com a vida, e é no suporte á vida que se compreende quais intensidades pedem passagem, qual o grau de abertura, de devir, de acolhimento a novos encontros e a novas experiências. Cabendo ao cartógrafo a tarefa de fazer deste esboço um desenho, desvendar outras linhas, potencializar novas formas na construção de mapas que compõem a cartografia. Para tanto, a cartografia dedica-se a fazer mapas:

“(...) o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



constantemente”. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo ou uma formação social. (DELEUZE, 1995, p 22).

Nesse sentido, buscamos cartografar na reza as suas relações intensas e as seguir, por meio do registro oral e imagético, aberto aos novos roteiros. Elegendo um dispositivo de diálogo com a comunidade, que registrar-se a intensidade mais que a repetição, seguindo o rastro da produção ‘mestiça’, ‘híbrida’ que questiona os solos rígidos da identidade, e na composição de um mapa de diversidade que visualizar-se os territórios que se formam e se desfazem.

Nosso procedimento metodológico foi traçado por 4 idas a comunidade do Tabuleiro dos Coelhos, sendo que duas foram para acompanhar dois momentos de reza e nas outras idas fizemos entrevistas com a comunidade e uma roda de conversa (chá). E em outro momento, após cada ida realizamos reuniões com a equipe executora para a eleição dos dispositivos motores da pesquisa, buscando a legitimação das oralidades e imagens após as análises do grupo. Com todos os procedimentos filmados, fotografados e escritos em diário de bordo e/ou gravados. Pois o pesquisador é ‘parte’ da reza, destacando sua relação e ‘intensidades’ durante o processo.

Que mapas construímos?

A prática comunitária da reza recria a plasticidade do corpo feminino, compondo-o por meio de nuances marcadas pelas diferentes modulações raciais, sexuais, religiosas e classistas. Fluxos de saberes são momentaneamente estratificados em protagonismo de mulher, líder e rezadeira. Vimos à recriação de um corpo-mulher que não existia como protagonista, um corpo novo, criado, inventado e central para a produção de laços comunitários. O repertório que constitui o corpo feminino da rezadeira retoma ancestralidade e memória, guardiã de uma cultura e de uma prática que subverte a lógica de nossa sociedade falocêntrica e desafia a heteronormatividade.

Ainda que possamos observar na comunidade os tradicionais marcadores de divisão sexual e expectativa de repertórios fixos e genereificados, a partir de um modelo heterossexual (e/ou de normas corporais marcadamente heterossexuais), as práticas de Dona Gesse invadem os



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



‘marcadores’ tipicamente masculinos e a ‘vestem’ de um repertório misto, oscilante e curiosamente novo. Sua liderança provoca erosões num terreno geológico fixo e se arvora a repensar a organização política daquele micro-espço e uma suposta ordenação masculina, bem como o surgimento de uma variação de femininos. Os códigos religiosos até as marcas do corpo se misturam em um novo tipo de repertório.

Em um contexto de zona rural, no deparamos com uma senhora de 72 anos, com trajes de senhora, típico de muitas moradora rurais, casada e mãe de cinco filhos, pouco letrada, nos remetendo, à primeira vista, à caracterização de uma figura de mulher submissa e subjugada pelas normas. Porém, ao percebermos seus comportamentos e de como os demais a tratam, evidenciamos sua liderança na família e na comunidade. Como ela mesma nos diz:

Se eu disse é isso, é isso. Meus filhos não dizer é aquilo não. Se eu disser é por aqui, é por aqui mesmo e acabou. De jeito nenhum, aqui tem disso não, nem meus filhos, nem marido, nem ninguém. É o negócio é assim.

Judith Butler é uma das autoras feministas que teorizar sobre o caráter discursivo da sexualidade. No qual afirmar que as sociedades constroem normas que regulam e materializam o sexo dos sujeitos, com a premissa no biológico localizando as práticas sexuais fundadas no sexo, sendo tomado como originário de uma matéria natural sobre o qual se impõe a ordenação cultural, denominando assim o gênero. Tomando por base a heterossexualidade e suas práticas para legitimar suas “normas regulatórias”, que segundo Butler são constantemente reiteradas e repetidas para que se efetivem. Para ela, os repertórios de gênero são construídos performaticamente pela ótica heteronormativa, no qual se criam expectativas de construção corporal. É nesse ponto que se pode afirmar que:

(...) el género es el aparato a través del cual tiene lugar la producción y la normalización de lo masculino y lo femenino junto com las formas



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



intersticiais hormonales, cromossômicas, psíquicas y performativas que el gênero assume.² (BUTLER, 2006, p.70).

Sendo assim, podemos perceber que Dona Gesse é uma linha transversal á essas expectativas, envergando-se sobre a norma. Remetemo-nos a autora Anzaldúa (2005), que pensa sobre as mulheres de cor-latino americanas e, por meio de suas reflexões, nos traz elaborações sobre o que ela chama de ‘consciência mestiça’ na história do feminismo. Ela desenvolve uma perspectiva, articulando, simultaneamente, política identitária e política de alianças. Esses parâmetros se unem em diálogos móveis e estratégicos, pois a sua perspectiva recusa reduzir a complexidade processual a categorias fixas de identidade e modelares.

Assemelha-se ao ‘devir-mulher-mestiça-rezadeira’ que encontramos em produção no Tabuleiro dos Coelho. D. Gesse Pereira das Mercês é a ‘nova mestiça’:

Soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados (ANZALDUA, 1987, p.80-81 apud COSTA, ÀVILA, 2005 p.694).

Ela é produto da transculturação, sincretismo e diáspora que criam disjunturas entre tempo e espaço (a fronteira) e deslocamentos dos discursos sobre ‘origens’ e essências. (COSTA, ÀVILA, 2005, p.695)

Por meio de seus saberes medicinais e suas práticas religiosas vai agregando pessoas distintas na consolidação de uma comunidade, construindo laços e uma rede de solidariedade, cabendo a ela a importante tarefa de curar os males do corpo e do espírito. Sua casa está aberta para os

diferentes grupos sociais, principalmente as pessoas mais carentes, que configuram os moradores daquela região. Suas ações cotidianas vão além da esfera religiosa, demonstrando uma nova forma de reger uma comunidade e de liderar grupos e coletivos.

2 □ (...) o gênero é um aparato através do qual há a produção e a normalização do masculino e do feminino junto com as formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume □ - Tradução livre



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Entre - lugar de antropofagia

Com o enrijecimento das categorizações e das identidades houve uma decorrência da consciência das posições dos sujeitos – de gênero, raça, geração, orientação sexual, religião, local institucional que se caracterizam em grupos sociais definidos com conceituações que postulam uma essência, permanente e unificadas que muitas vezes se restringem a traços culturais ou étnicos preestabelecidos, conformando suas fronteiras. Mas para Homi Bhabha o que é teoricamente inovador e politicamente decisivo é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividade originais e iniciais, e sim de focalizar naquele momento ou processo que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Considerando tal processo como o “entre - lugar” das fronteiras, que segundo ele:

Esse “entre – lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e posto inovadores de colaboração e contestação, ato de definir a própria idéia de sociedade. (BHABHA, 1998.p.20)

Desse modo, podemos concluir que nesse interstício se localizam as disjunções, os deslocamentos, as negociações, possibilitando a construção de marcadores culturais novos, eivados de reapropriações que nada mais são que criações. A reza torna-se espaço de fluxo de informações e comunicações, marcadas pelo hibridismo, pela peregrinação, pela troca de experiências.

Por conseguinte, encontramos uma reza que se localiza no ‘entre - lugar’ das fronteiras. Configura-se como espaço de resistência às práticas tradicionais hegemônicas das religiões, mas também de negociação com as mesmas, instituindo um espaço que se demarca só performaticamente como ‘território de identidade’, consolidando a cultura comunitária.

Contudo, constituído de aberturas e porosidades às multiplicidades, se desfaz a todo o momento.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Cada religião³ possui seus marcadores identitários que as delimitam e as constitui, pelas suas distintas concepções e práticas. Assim, cada religião tem seus costumes, rituais, valores e dogmas que as diferencia uma das outras. O catolicismo apostólico tem princípios no cristianismo, tendo a figura do Papa como autoridade de Deus na terra, é usual que algumas orações sejam em latim, oriunda da cultura européia que se tornou hegemônica no Brasil. Já o catolicismo popular, diferenciadamente, mesmo sendo derivado catolicismo apostólico, possui práticas, cantos e orações distintas, geradas pela prática religiosa do povo, estando presente nos espaços rurais.

O candomblé, religião brasileira de matriz africana, cultua os Orixás - divindades da natureza – que tem a função de conduzir e proteger seus filhos, que depois de serem escolhido por eles e ao serem iniciados nos rituais pode ter contato com seus Orixás, através das incorporações. E até mesmo umbanda, que muitas vezes é confundida com uma das vertentes do candomblé, possui suas particularidades e um mais destacado sincretismo: são os guias espirituais que coordenam os trabalhos - alma de um ser que já viveu na terra. Embora também creiam e cultuem os Orixás, ‘trabalham’ em uma mesclagem entre o espiritismo e o candomblé. Nos seus rituais há incorporações desses guias para diversas finalidades, às vezes para aconselhar os adeptos, para contar suas experiências ou para solicitar ajuda para o desencarne. Assim, cada religião tem seus costumes, rituais, valores e dogmas que as diferencia umas das outras, e que determinam seus marcadores identitários, suas mestiçagens e suas fronteiras.

No Tabuleiro dos Coelhos nos deparamos com esses rituais acima apontados de forma mista, modular e em movimento. Chamamos esse processo de ‘antropofagia’, tomando por base a resignificação dada ao termo pelos modernistas de 1922 no Brasil, o movimento antropofágico,

que tem Oswald com um dos precursores. Reafirmando a antropologia enquanto positiva, oposta a conotação desqualificadora dada pelos colonizadores, que transformou as ações e vida dos selvagens em mau, com uma leitura impregnada da visão dualista da lógica do

3 Não temos o objetivo de discutir as religiões e nem estudá-las aqui em suas variações. Apenas estamos fazendo uma caracterização modesta de seus rituais a partir das observações no Tabuleiro dos Coelhos.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



negativo a antropofagia realizada por algumas tribos indígenas no país. Mas na visão dos selvagens; os guerreiros de tribos inimigas quando capturados, serviam de alimento para a população da tribo que o capturou. Por considerarem que se comessem sua carne estaria adquirindo suas qualidades. Assim, indo pelo viés dos selvagens o movimento antropofágico buscar resgatar e afirma enquanto marca da nossa cultura, para tanto, Oswald produz uma tese do *primitivo tecnizado* trazendo consigo um *antropófago tecnizado*, ou ainda de uma *sociedade industrial primitivada* – espécie de *composto híbrido* cujos ingredientes seriam primitivos, mas as conquistas de nossa civilização técnica. Tem-se, portanto, uma *Lei da Antropofagia* que ROLNIK vem categorizar enquanto:

O antropófago vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. É por isso que acolhe o outro cordialmente, e declara: só me interessa o que não é meu. (ROLNIK, 2006.p.203)

Antropofágico é o próprio processo de composição e hibridação das forças, o qual acaba sempre devorando as figuras da realidade objetiva e subjetiva e, virtualmente, engendrando outras. (ROLNIK.1996.p.67)

A antropofagia primitiva, que Oswald nos sugere afirmar e resgatar, como aquilo que temos de mais vital, mais forte, que carregamos como nascedouro de nós mesmo renovados a cada vez que engolimos novos pedaços de mundo.

A antropofagia comunitária se faz como processo de ‘devoração’ de todas as pessoas que vem de perto e de longe, com suas diferentes classes, cor, religiões, orientação sexual ou gênero. Há um processo antropofágico e de hibridação e (des) composição dessas forças, que acabam devorando o candomblé, a umbanda, o catolicismo popular e o catolicismo apostólico, engendrando outra, que também é antropofagizada e que se evidencia na fala de Dona Gesse ao iniciar a cerimônia da festa do dia do santo católico:

Vamos começar a ladainha! Se alguém acha assim diferente é porque tem lugar que é diferente mesmo, mas tudo é igual. Pode chegando.

A coerção da cultura eurocêntrica a outras culturas também se deu no âmbito religioso, que acabou por associar as religiões de matrizes africanas às formas descritivas de energias negativas com seus deuses sendo demonizados, tendo sua prática proibida pela Igreja Católica,



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



em conjunto com o governo do Brasil, no período colonial. Deixou de ser considerada criminosa depois da abolição da escravatura, sofrendo inúmeras perseguições. Em Amargosa não foi diferente, cidade influente no período de produção de café no país, com a presença de uma diocese que teve e, ainda tem grande influência nas decisões e costumes da cidade. A cidade tem um histórico de perseguição e cassação dos muitos terreiros que aqui existiam oriundos da cultura africana praticado pelos escravos. O hibridismo das rezas do Tabuleiro se constitui enquanto resistência cultural diante da hegemonia do catolicismo e da discriminação das práticas religiosas cultuadas pelos afro-brasileiros. Suas práticas estão em um processo constante de negociação para com a religião dominante, o preconceito, que se misturam em momentos de resignação, captura, resistência e reconfiguração. Na mesma medida que apropriou-se e se desapropriou das diferentes religiões- candomblé, umbanda, catolicismo popular e catolicismo apostólico- em um sincretismo que deu forma a uma política de aliança. Como relata Dona Gesse:

Se todo mundo que eu já cuidei e cuido hoje contasse. Ninguém conta até porque, tem medo do padre. Mas agora eu conheço os padres, esse Cristóvão que tem em Amargosa. Todo mundo agora me abraça antes passado o povo me excluía. Porque vocês me excluem? Eu sou o que? Eu não sou diabo não, eu sou gente, é gente finíssima. Porque o que eu tenho foi dado por Deus, não é meu não.

Ao se antropofogizar todas as categorias, representações e os binários opostos convencionais como - o bem e o mal, luz e escuridão, certo e errado, moral e imoral – que são usados para enquadrar as práticas e crenças religiosas, tem-se como resultado atividades culturais

diferenciadas daquelas massificadas pela política cultural capitalística que produz normas/modelos heterossexuais branco-europeu-cristãos, com caráter plural e não dicotômico.

Rastros de novo repertório de gênero e a cultura como campo de resistência

A rezadeira é uma disjunção de fluxos: uma história não contada, um silêncio solene e religioso, magia e incorporação, conhecimento do corpo e da erva num mundo de homens sabidos, santa - mulher - entidade, espaço de aglutinação: um espaço de poder é dado à



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



diferença quando a ela é lançado um feixe de luz. Aponta, portanto, para um novo repertório de gênero que questiona a política de representação de gênero. Ou seja, a composição híbrida do corpo, com uma mestiçagem de marcadores resiste à forma tradicional de fazer política e de entender o corpo-mulher: “É fruto dos interstícios dos vários vetores da diferença resultantes dos desequilíbrios históricos e das exclusões múltiplas” (COSTA, ÀVILA, 2005p. 693). Anzaldúa reafirma a si e nos leva à D. Gesse, do Tabuleiro dos Coelhos:

Sou sem cultura porque, [como uma feminista], desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina [dos indo-hispânicos e anglos]; entretanto, tenho cultura porque *estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele*, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/a outro/a e ao planeta (ANZALDUA, 1987, p.80-81 apud COSTA, ÀVILA, 2005 p.694/grifos meus).

Evidencia-se ainda que a cultura se constitui como campo de resistência, mas também de captura, pois a reza do Tabuleiro dos Coelhos enquanto espaço de ‘devoração’ de práticas (e, por isso, de relação com o outro) produz a ‘mestiçagem’ que se positiva como lugar sempre aberto às novas chegadas de pessoas, culturas, jeitos e modos. O conceito de cultura se despoja de rigidez e geologia e faz-se como lugar imanente de produção de vida, *sem ‘essencialismos’ ou ‘momentos originários’, num ir e vir de resistências e capturas* (HALL, 2009. p.53).

Podemos dizer, provisoriamente, que está em construção um 'jeito' de fazer política cultural, com graus de abertura que ensejam a incorporação de repertórios cada vez mais múltiplos.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. A outra questão. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da USP, 2003.

COSTA, Claudia de Lima, ÀVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença” in. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro, 2005, p. 691-703.

DELEUZE, G. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol1/Gilles Deleuze e Felix Guattari. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

ROLNIK, Suely. **Tristes Gêneros**. LINS, Daniel (org). A dominação masculina revisitada. Campinas Papirus, 1996. p. 63 – 68.

_____. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.